

COVID-19

DANOS E SEQUELAS DA INFECÇÃO

Além dos sintomas conhecidos e amplamente divulgados da doença, neurologistas estudam os reflexos do novo coronavírus no sistema nervoso, como acidente vascular cerebral (AVC) ou a trombose venosa cerebral, que causou a morte do apresentador Rodrigo Rodrigues aos 45 anos. Especialistas alertam que problema pode atingir pessoas de todas as idades.

Pessoas que venceram a doença relatam as consequências no corpo durante a recuperação: fadiga extrema, tosse persistente e até a fibrose pulmonar, que dependendo da gravidade pode levar à realização de um transplante do órgão.



LEANDRO COURI/EM/D.A PRESS - 9/7/20

Minas registrou 92 mortes em 24 horas, de acordo com o boletim epidemiológico divulgado pela Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG), e número total de vítimas chega a 2.861. Estado tem 129.985 infectados. Foram 2.879 casos confirmados em um dia.



COVID-19 // Morte de apresentador Rodrigo Rodrigues revela os reflexos do novo coronavírus sobre o sistema nervoso. Especialistas pedem para dar atenção a sinais de sintomas neurológicos

CONSEQUÊNCIAS DA DOENÇA

GABRIEL RONAN

A morte precoce do apresentador Rodrigo Rodrigues, dos canais Sportv, da TV Globo, vítima da COVID-19 aos 45 anos, provocou comoção especialmente entre a imprensa esportiva e torcedores, mas chamou a atenção também para uma consequência da doença ainda pouco estudada e cerca de dúvidas: os reflexos do novo coronavírus sobre o sistema nervoso. Enquanto especialistas no assunto notificam aumento de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) entre os infectados, as causas desses derrames ainda é debatida, sobretudo a partir de três hipóteses, todas ligadas à principal causa dessa emergência médica: a formação de coágulos sanguíneos, que entopem veias ou artérias do corpo, prejudicando a circulação de sangue no cérebro.

Em entrevista à reportagem, o neurocirurgião Leonardo Augusto Wendling Henriques, vinculado ao Instituto Mário Penna e do corpo médico do Hospital Luxemburgo, em Belo Horizonte, explica as possibilidades. "Três mecanis-



GLADYSTON RODRIGUES/EM/D A PRESS

Neurocirurgião Leonardo Wendling Henriques diz que três fatores podem ocorrer e é preciso ter atenção

mos possibilitam que o AVC ocorra em quem está infectado pelo novo coronavírus: a lesão do endotélio (revestimento dos vasos sanguíneos) pela infecção do vírus; o aumento de fatores sanguíneos (proteínas que podem ser alteradas pela virose) que estimulam a trombose; e estase venosa, que é a diminuição da velocidade do fluxo de sangue, o que aumenta a tendência de coagulação", afirma o especialista.

Ainda de acordo com o neurocirurgião, é preciso cautela ao

analisar esses três fatores, já que pesquisas sobre os danos provocados pela COVID-19 no sistema nervoso estão em fase inicial. "Não sabe ainda em quais desses fatores a doença interfere mais. Mas, possivelmente, os três estão associados", pontua.

Em pesquisa realizada em abril e publicada no *New England Journal of Medicine*, o Departamento de Neurocirurgia do Hospital Mount Sinai, dos Estados Unidos, contabilizou cinco casos de AVC num período

de duas semanas entre pacientes infectados pela COVID-19. Todos eles tinham em comum o fato de não serem idosos, parcela da população mais afetada pelos derrames.

O neurologista cooperado da Unimed-BH Paulo Pereira Christo já percebe um aumento na ocorrência de AVCs entre os mais jovens durante a pandemia. "Uma coisa interessante é que pacientes que têm derrame normalmente são mais idosos, por fatores de risco. Agora, durante a pandemia, temos visto pacientes com AVC mais jovens, alguns em vigência da infecção pela COVID-19", diz o especialista.

Dados da Secretaria de Estado de Saúde (SES/MG), contudo, apontam um cenário de queda no quadro geral de AVCs, no comparativo dos meses em que o estado enfrenta a pandemia e o mesmo período de 2019. Entre

março e junho do ano passado, a pasta registrou 1.238 mortes causadas por derrames. Neste ano, nos mesmos meses, a SES-MG computou 1.116 óbitos por essa causa.

ALERTAS Amigos do jornalista Rodrigo Rodrigues afirmaram após a morte dele que o apresentador não apresentava sintomas da COVID-19 quando sofreu as complicações causadas pela trombose cerebral. Para os especialistas ouvidos pela reportagem, a maneira como ocorreu a morte dele não é comum, mas é preciso que a população infectada pelo novo coronavírus fique atenta aos sinais de derrame em todo o período de manifestação dos sintomas de infecção pelo micro-organismo.

"O paciente precisa ficar atento a sintomas como sonolência, dor de cabeça muito forte, crises convulsivas e confusão mental", enumera Christo. Henriques incluiu mais dois sinais: menor sensibilidade do paladar e do olfato, que podem prosseguir mesmo após os 14 dias de manifestação da virose.

Sequelas apresentadas

Os sinais característicos da infecção pelo novo coronavírus são conhecidos pela maior parte da população. Sintomas como febre, tosse seca, diarreia e falta de ar estão associados à COVID-19. No entanto, o fato de a doença ser nova mantém alguns aspectos como incógnita. Um deles é o impacto sofrido pelo organismo durante a recuperação. Muitos pacientes têm apresentado características persistentes ou sequelas em diferentes partes do corpo, e o tempo necessário até a

reabilitação completa é tema de estudos no mundo.

Pneumologista no Hospital Universitário de Brasília (HUB), o médico Felipe Xavier explica que sintomas persistentes da doença são mais comuns entre pacientes que tiveram quadro grave da COVID-19. A fibrose pulmonar — formação de uma cicatriz no órgão — é uma das alterações mais preocupantes e, dependendo do caso, pode exigir um transplante. "Não sabemos quantas pessoas realmente vão ficar com uma se-

quela significativa ou quantos ficarão. Isso só o tempo vai dizer", comenta Felipe.

RECUPERAÇÃO O entendimento da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto à recuperação dos pacientes não é preciso. Não há percentuais de quantas pessoas apresentam efeitos a longo prazo. Apesar disso, muitos relatam ter fadiga extrema, tosse persistente e intolerância ao exercício.

Infectologista do Hospital Is-

raelita Albert Einstein, Gustavo Johanson explica que várias alterações têm sido observadas na fase de recuperação, mesmo em quem apresentou quadro leve da doença, ou não tem mais o vírus no organismo. "Dependendo do tempo de internação ou da idade, alguns pacientes têm de reaprender a andar. O vírus tem efeitos neurológicos e miopáticos — que afetam a função muscular. São alterações multissistêmicas, e muitas são inevitáveis", ressalta o médico.

NÚMEROS ALTOS

Minas Gerais tem 129.985 casos confirmados da COVID-19. Foram acrescentados 2.879 nas últimas 24 horas, de acordo com boletim epidemiológico divulgado ontem pela Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG). O número de mortos saltou de 2.769 para 2.861, ou seja, 92 óbitos em um dia. Conforme a pasta, são 14.250 casos de internação hospitalar na rede pública e privada e a letalidade da doença é de 2,1%.